

Reflexões sobre o trânsito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro*

José Francisco Xavier Sigaud

No número de melhoramentos que a Câmara Municipal tem prometido efetuar por suas posturas, e conforme as atribuições judiciárias e administrativas de que se acha investida, muitas há que dizem respeito à higiene pública e à polícia médica; tais são as medidas que têm por fim a salubridade das ruas e do interior das casas, a vigilância sobre os gêneros vendidos nos mercados para consumo do povo, a remoção das imundícies, coisas estas todas de certa importância higiênica para a conservação da saúde pública. Porém, outros objetos há de viva solicitude para ela, que são do domínio da polícia médica, e que importa recomendar à sua atenção.

Em primeira linha, poremos a residência de doidos em casas particulares, no seio de suas famílias; seu livre trânsito pelas ruas da cidade; e finalmente a sua fatal reclusão no Hospital da Misericórdia.

Se existe classe que mereça uma vigilância esclarecida, benévola e ativa, é a dos doidos. Destes, aqueles que pertencem a famílias abastadas ou são objeto da caridade vivem pela maior parte isolados em quartos fechados, vigiados, alimentados e tratados, principalmente quando são atacados de

* Publicado originalmente em *Diário de Saúde – ou efemérides das ciências médicas e naturais do Brasil*, Rio de Janeiro, n.1, p. 6-8, abr./1835. Foi feita atualização ortográfica do texto.

monomania com delírio, ou idiotia, ou paraplégicos. Neste caso não fica a humanidade em falta com estes desgraçados, mas em desforra a sua presença é um fardo penoso, uma vizinhança incômoda e às vezes insuportável para os vizinhos, e a reclusão a que são condenados em aposentos pequenos e pouco arejados (tornam?) quase sempre ineficaz o curativo. Quem acreditará que o número de tais infelizes é considerável, e que as famílias ricas que os têm em suas casas nunca tiveram de fundar, por uma associação, um asilo em que as regras da higiene pudessem auxiliar com vantagem as prescrições da terapêutica?

Não é para esta ordem de doidos que a vigilância da Câmara Municipal é de rigoroso dever. Esta deve se estender, pelo contrário, àqueles que circulam livremente pelas ruas, e que embuçados em grotescos andrajos excitam as risadas dos viandantes, e provocam apenas um sorriso de compaixão de envolta com a torrente de grosseiras injúrias e ridículos epítetos com que são amofinados. Temos ainda presentes as cenas cômicas do pobre brigadeiro, cujos vestidos e razão estavam tão maltratados pelo tempo. Ainda faz rir a lembrança do músico, que com exótico vestuário percorria as ruas desta cidade arrulhando árias, e executando com trejeitos de braços partições de orquestra. Estes seres inóxios eram um espetáculo, mas este espetáculo de risadas e graçolas tinha às vezes seu lado trágico.

Quem não viu, ou não ouviu falar, de um desgraçado ator, que depois de atravessar a cidade em uma sege, puxada a quatro, foi a São Cristóvão, e na volta se pôs a mergulhar no tanque do chafariz da lagoa da sentinela, nu e com a roupa debaixo do braço? Quem não o encontrou nas ruas, cortejando todos os homens de casaca, fazendo parar o ministro da França para pedir-lhe que apresentasse seus cumprimentos a seu compadre Luis Felipe, e trincando, no entanto, uma bolacha envolvida em trinta e quatro capas de papel pardo? Quem não se recorda do assalto em forma que ele sustentou em seu domicílio? Se quereis fatos mais recentes, mas diários, passem pela rua nova do Ouvidor! Aí pasmareis à vista de um velho alto, com o braço estendido para fora da porta, na atitude dum mendigo, com a boca meio aberta deixando escapar uma torrente de palavras sem nexos nem seguimento! Ah! Se este espetáculo vos apresenta pouco interesse dramático, ide a Mata-Porcos, e aí, no período lunar, tereis ocasião de ver um infeliz a quem a razão abandona dois ou três dias em cada mês. João é um mestre-escola apaixonado pelo estudo; quando lhe chega o acesso, salta para a rua e com uma voz muito forte ordena a um exército imaginário que devaste o país; seu semblante se torna então horrível e sinistro, mas a esta expressão sucede um sorriso estúpido que parece pintar certa satisfação interna de sua alma. Um estado convulsivo da face e dos membros superiores, gritos agudos, assobios redobrados mudam de repente a cena. O infeliz corre pela rua dando saltos desiguais até que enfim cai, ou a caridade dos vizinhos o reconduz

para casa. Vós tereis algumas vezes encontrado a mulher que persegue os regentes, ministros e juizes, o ex-secretário do governo de Buenos Aires, e também o capitão sueco, de barba longa meio branca e meio loira, de feições distintas, que coberto de farrapos circula pelas principais ruas desta cidade; tereis também lançado de passagem um olhar a furto sobre o melancólico religioso, enviado do apocalipse, que curva a cabeça e a ergue de espaço em espaço para o céu, em uma posição extática. E quantos idiotas, velhas enfermas e imbecis não tereis visto de tempos a tempos nos lugares populosos, nos arrabaldes, nos estabelecimentos públicos e nas igrejas? Nós não tratamos aqui dos mendigos, dos leprosos, nem dos bêbados; só lembramos a classe desgraçada dos loucos, os quais ainda que entes inóxios, podem às vezes enfurecer-se e cometer atos homicidas de repente, e deste modo privar uma família de um filho amado, que eles esmaguem passando, ou de uma pessoa útil, que sem intenção firam com a primeira arma que o acaso lhes oferecer. Na verdade, a sociedade nada ganha com o espetáculo ridículo e hediondo de certos doidos; a moral pública sofre com sua presença nas ruas; a caridade geme vendo vítimas votadas a uma morte certa, e a segurança dos habitantes corre riscos que podem comprometer a vida de alguns deles.

Por que medidas a Câmara Municipal pode prevenir a presença de doidos nas ruas? Por que meios coercivos pode impedir que eles sirvam de divertimento aos que transitam? Só um existe, é a fundação de um hospício de doidos, ou o estabelecimento de uma casa de saúde, primeiramente em ponto pequeno, e que gradualmente se vá aumentando. O aluguel de uma casa grande fora da cidade, em sítio arejado, com sombra e água corrente, as demais despesas que exige o tratamento de cinquenta doidos, e de dez guardas, não constituem uma soma enorme, acima dos meios pecuniários da primeira Câmara Municipal do Império. A mobília de uma casa de doidos não é objeto de excessiva despesa, seu sustento nada de suntuoso tem, seu vestuário nada que cheire a luxo. Além do que, recebendo doidos pensionistas, trazidos por famílias que suspiram pelo momento em que se livrem de um tão gravoso fardo, far-se-ia face a quase todas as despesas que requer a manutenção de um hospício, criado no princípio em pequenas proporções.

Eis o jato das primeiras reflexões que nos sugere a triste posição dos doidos. Se estas reflexões merecerem um olhar de atenção da parte dos membros da Câmara Municipal, ser-nos-á fácil dar-lhes mais amplo desenvolvimento, e concorrer para a execução de tão útil projeto com maiores explicações. Assinalar o mal e com o dedo indicar o remédio, eis nossa primeira tarefa.

Mas, dir-se-á, o remédio é bem conhecido e de há muito colocado em prática! O Hospital da Misericórdia não tem celas destinadas a recolher os maníacos? Sim, é verdade, mas que distância vai dessas gaiolas humanas, postas

na vizinhança de um cemitério, e por baixo de enfermarias ajoujadas de doentes, a um local espaçoso, arejado, no meio do campo, com ruas de árvores para o livre exercício dos doidos, e com água corrente para banhos frios, que são de tanta necessidade no curativo da loucura! Ali não há prisões, nem pancadas, nem divertimento para os visitantes ou curiosos; há, pelo contrário, vigilância ativa e inteligente de guardas fiéis, sob a direção de médicos caritativos. O tratamento dos maníacos no Hospital da Misericórdia é uma obra de misericórdia, e nós reclamamos uma obra de filantropia. Há entre estes dois atos da caridade uma linha de demarcação bem pronunciada. No Hospital da Misericórdia, o pequeno recinto destinado para os doidos obsta que se os possa classificar segundo a natureza da loucura, e entretanto todos sabem que para obter-se bons resultados do curativo é circunstância muito favorável o isolamento e a separação dos idiotas, dos furiosos, dos melancólicos, dos convulsionários.

No interesse moral da sociedade, uma casa de doidos é útil, mas ainda mais indispensável é no interesse dos infelizes maníacos, que são em geral inclinados ao suicídio. No espaço de alguns anos temos recolhido muitas observações de suicídio, produzidos pela loucura de indivíduos abandonados a si, pela maior parte solteiros, ou estrangeiros sem família, por falta de uma vigilância que houvera impedido uma morte fatal e, porventura, restituído à razão homens robustos e inteligentes, que a influência de um clima abrasador, as comoções políticas, ou o desarranjo de negócios comerciais haviam inteiramente enlouquecido.

No interesse das famílias, e para a tranqüilidade doméstica, uma casa especial consagrada à recepção e tratamento de doidos faria importantes serviços. No interesse da moral pública, a reclusão dos maníacos obstaría por uma vez as cenas ridículas de certos loucos, e as indecentes caricaturas, que a litografia reproduz em milhares de exemplares. No interesse da humanidade, se garantiria com mais probabilidade de sucesso, e de certeza, a existência a uns e a cura a outros. Enfim, no interesse da ciência fora um campo de úteis observações, que pelo tempo em diante seriam proveitosas aos doentes, porque quanto melhor estudadas as moléstias, mais conhecidas ficam e, por conseguinte, com mais habilidades são tratadas.